

livros



Lições para sair do atoleiro

Daniel Afonso da Silva

A economia brasileira como ela é – como reverter a destruição neoliberal,
de J. Carlos de Assis, Rio de Janeiro, Amazon, 2022, 116 p.

Q

uem em 2022-2023 alcançou alguma idade, passou dos 40 ou 50 anos e cultivou alguma cultura vai se lembrar com nostalgia dos tempos em que o destino do Brasil e dos brasileiros era apresentado em ideias transcritas em livros debatidos em toda parte. Aqueles tempos – que começaram a esmaecer na inauguração do século XXI – pareciam remontar às raízes mais antigas das civilizações contemporâneas que foram tangidas pela prática do convencimento e pela arte da persuasão.

Quem em 2022 perscrutar convencimento e persuasão, em contrário, vai encontrar *tweets*, grunhidos e força bruta. O diálogo virou ofensa. A democracia, quimera. A representação, ilusão.

Aos mais moços, toda essa degradação pode parecer normal, natural e até fes-

tiva. Aos mais vividos, não restam dúvidas: estamos à beira da falésia, envoltos em tormentas, flertando com o trágico, subestimando o *memento mori*.

J. Carlos de Assis, em anúncio, vem nos advertir da gravidade de tudo isso. O seu recente e necessário *A economia brasileira como ela é – como reverter a destruição neoliberal* é o mais oportuno convite ao diálogo, ao convencimento e à persuasão que se poderia fazer nestes tempos desabados que nos toca viver.

Não é a primeira vez que J. Carlos de Assis nos golpeia a alma com ideias percucientes e lucidez acachapante transcritas em livros seminais. Quem vivenciou conscientemente a batalha de ideias que ambientou a redemocratização brasileira recente possui na memória e na retina o impacto político, intelectual e cultural de A

DANIEL AFONSO DA SILVA é doutor em História Social pela FFLCH-USP e integrante do Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais (Nupri) da USP.

chave do tesouro (São Paulo, Paz e Terra, 1983), *Os mandarins da República* (São Paulo, Paz e Terra, 1984) e *O grande salto para o caos* (escrito com Maria da Conceição Tavares) (Rio de Janeiro, Zahar, 1985). Com uma mistura de análise política de conjunturas econômicas e abordagens filosóficas de história das ideias econômicas, o autor inaugurou ali, de uma só vez no Brasil, o jornalismo investigativo e o jornalismo econômico; e, pouco a pouco, foi se tornando referência incontornável para a compreensão dos males causados pelo Estado militar de 1964 a 1985.

Quem adentrou na vida adulta sob a Constituição Cidadã de 1988 e observou de soslaio a agonia caboteira dos mil dias da presidência de Fernando Collor de Mello não pôde deixar de notar a presença marcante de *A Nêmesis da privatização* (Rio de Janeiro, MECS, 1997) e *As sete bestas do fim do mundo* (Rio de Janeiro, ANC, 1998) na compreensão do que foi, poderia ser e deveria ter sido a presidência de Fernando Henrique Cardoso.

Quem ficou consternado com os ataques de 11 de setembro de 2001 encontrou em *O atentado da nova era* (Rio de Janeiro, MECS, 2001) os elementos mais determinantes para rasgar o véu da ingenuidade e perceber a onipresença do trágico como sopro de vida na história dos homens. Consequentemente, quem de fato rasgou esse véu percebeu que a contemporização desse império de tragédias possui como caminho apenas o reconhecimento quântico de Deus, corporificado e demonstrado em *A razão de Deus* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012).

Esses não são todos os títulos de J. Carlos de Assis – ao todo, ele publicou mais

de três dezenas de livros e dezenas de milhares de artigos nos principais periódicos nacionais –, mas esses foram os esforços que encontraram o *timing* exato para suprir as demandas precisas de um público cujos olhos viam uma realidade que sua inteligência era precária para compreender.

Em *A economia brasileira como ela é*, uma vez mais, J. Carlos de Assis vem para auxiliar todos a encontrarem esperança em flor num cenário complexo e, muitas vezes, incompreensível, que nos prenuncia ruínas.

Quem em 2022-2023 alcançou alguma idade e alguma cultura vai fazer vinculações imediatas entre *A economia brasileira como ela é* e as colunas “A vida como ela é”, de Nelson Rodrigues. A mensagem nuclear dos contos do saudoso cronista pernambucano que faz tempo nos deixou segue eloquente: a vida é real, independentemente das ilusões nutridas sobre ela. A mensagem de nosso J. Carlos de Assis – mineiro de Marliéria, radicado no Rio de Janeiro desde os anos de 1960 e insistente observador da realidade integral do Brasil desde sempre – não é menos enfática ou eloquente: vaticina que a superação das ilusões neoliberais, em 2022 e depois, é um imperativo nacional para o Brasil e para os brasileiros.

O tom contundente e realista da lição do título de J. Carlos de Assis persegue todos os suspiros do livro. Ora com mais, ora com menos ênfase. Mas sempre com bocejos de esperança. Em seus mais de 70 anos de idade, sendo mais de 50 dedicados a compreender o Brasil, esse nosso autor segue entusiasta da capacidade brasileira de superação das agruras permanentes da sociedade dos brasileiros. Desemprego elevado, taxas de juros extravagantes, inflação

descontrolada, câmbio oscilante, atividade da economia real estagnada, financeirização do capital, digitalização da vida atropelando tudo, retórica climática enviesada e mundialização de ilusões transvestida em pensamento único do *mainstream* dos economistas são alguns dos temas contra os quais J. Carlos de Assis se insurge.

A presidência de Jair Messias Bolsonaro não representa o foco da crítica do livro. Entretanto, J. Carlos de Assis, como informado e sofisticado observador, destaca a recorrência histórica dos problemas que ultrapassam os anos de 2019-2022 e chegam ao retorno do presidente Lula da Silva. Em seu entender, na quadra do ministro Paulo Guedes no manejo da Economia, todas as ilusões econômicas do passado se aceleram drástica e dramaticamente. E, caso não sejam revertidas pelo ministro Fernando Haddad, poderão nos lançar num nevoeiro sem retorno.

Capítulo a capítulo, J. Carlos de Assis vai descrevendo o lado obscuro desse

nevoeiro e concomitantemente vai desenhando alternativas e soluções de retorno ou indução a dias claros amenos de sol. Temas e problemas áridos e complexos, feito dívida pública, gestão de crédito, política monetária, pacto federativo e sistema financeiro são tratados com rigor comezinho, mas numa linguagem apreensível a todos. Mesmo aos mais leigos, velhos ou moços.

Vale ressaltar, nesse quesito, que J. Carlos de Assis não é bem um escritor. É um oleiro. E seus livros, escritos e ideias são como tijolos para a construção de um Brasil novo, melhor e mais justo para contemplação, inspiração e fruição de quem vier.

A economia brasileira como ela é, por tudo isso, é um livro repleto de predicados. Mas, diferente do que se pode intuir, não é bem algo para ser lido. É, antes e acima de tudo, uma lição a ser praticada; um Brasil a ser reconstruído.

Resta saber se estaremos à altura dessa missão.